

Procurei o amor, que me mentiui,  
pedi à vida mais do que ela dava;  
eterna sonhadora edificava  
meu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas selvas refulgiu,  
e tanto beijo a boca me queimava!  
E era o sol que os longes deslumbrava  
igual a tanto sol que me fugiu.

Passai a vida a amar e a esquecer...  
Atrás do sol dum dia outro a aquecer  
as brumas dos atalhos por onde ando...

E este amor que assim me vai fugindo  
é igual a outro amor que vai surgindo,  
que há de partir também... nem eu sei quando...  
Inconstância

Viver!... Beber o vento e o sol!, Erguer  
ao céu os corações a palpitar!  
Deus fez os nossos braços pra prender,  
e a boca fez-se sangue pra beijar!

A chama, sempre rubra, ao alto a arder!...  
Asas sempre perdidas a pairar,  
mais alto para as estrelas desprender!...  
A glória! A fama!... O orquilo de criar!

Da vida tenho o mel e tenho os travos  
no lago dos meus olhos de violetas,  
nos meus beijos estáticos, pagãos!...

Trago na boca o coração dos cravos!  
Boêmios, vagabundos e poetas:  
- Como eu sou vossa irmã, ó meus irmãos!...  
Exaltação

Eu era a desdenhosa, a indiferente,  
nunca sentira em mim o coração  
bater em violências de paixão,  
como bate no peito à outra gente.

Agora, olhas-me tu altivamente,  
sem sombra de desejo ou de emoção,  
enquanto as asas loutras da ilusão  
abrem dentro de mim ao sol nascente.

Minha alma, a pedra, transformou-se em fonte;  
como nascida em carinhoso monte,  
toda ela é riso e é frescura, e graça!

Nela refresca a boca um só instante...  
Que importa?... se o cansado viandante  
beba em todas as fontes... quando passa?...  
Que importa?...

## SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIX, Nº 02 – 2015 FEVEREIRO

Assinatura até 31.12.15: 11 selos postais  
de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,90).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

www.haiku.sf.nom.br

14 Conselho de intrigueiro não vale um figo seco.

- 1 O contente nunca se arruinará.
- 2 O espírito contente é um reino.
- 3 Mais vale pouco e contente do que muito e rixento.
- 4 Mais vivem os contentes numa cabana do que num castelo.
- 5 Contentamento é mais do que a riqueza.

- 1 Para pegar os filhotes, tens de entrar na toca do tigre.
  - 2 Coragem nunca sai da mão.
  - 3 O bravo ri da morte a que não pode escapar.
  - 4 Na coragem, não bastam as armas: é preciso enxergar.
- A. C. Grayling. Provérbios, Caps. 28-30: Conselho, Contentamento, Coragem; de O Bom Livro – Uma bíblia laica; Objetiva, 2011.

Felicidade!... Em teus rastros  
meu pangaré firma o trote  
tentando levar-me aos astros,  
num sonho de D. Quixote!

Edmar Japiassú Maia  
9812, As menores poesias do mundo  
ao seu alcance! MFM

Para mantê-los me empenho  
porque penso sempre assim:  
tendo os amigos que tenho,  
eu nem preciso de mim.

Izo Goldman, em Caderno Cotidiano,  
O Colecionador, por Estêvão Berton:  
Folha de São Paulo 19.07.13

Um recibo bem guardado  
quando o jogamos fora,  
logo em seguida é cobrado  
e a prova foi embora...

Manoel Fernandez

Na curva, o trem apitava...  
E, no escuro da estação,  
sempre ao noivo, ela falava:  
- Uai, meu bem, mas que trem bão!!!

Thereza Costa Val

Na existência dividida  
pela incompreensão da idade,  
se não te encontrei em vida,  
te encontro, pai, na saudade!

Zaé Júnior,  
9812, As menores poesias do mundo  
ao seu alcance! MFM

Florbelá Espanca, A mensageira das violetas, Antologia: Seleção e Edição de Sérgio Faraco, L&PM Editores, 1997 –  
http://www.estantevirtual.com.br – Gentileza de Cincinato (Nato) Palmas Azevedo

1. Preencher os haikus que desejar, (veja quigos ao lado, à escolha) num mínimo de folhas **para cada grupo**, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço** e **CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. À medida que cheguem seus haikus, feitos conforme acima, serão publicados em nossas Seleções em Folha.

✧ **Paulo Franchetti**: O haicu é menos uma questão de forma do que de atitude. No

Brasil, sua métrica 5-7-5 é artificial. O exercício de sua prática é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

## PRATIQUE NESTAS SELEÇÕES!



## FAÇA E ENVIE SEUS HAICUS!



Até o dia **30.08.15**, quigos Beija-flor, Bem-te-vi, Catavento, Girino, Granizo, Ipê, Névoa, Pipa, Rã.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez  
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.  
05010-040 - São Paulo, SP.

**ou** mfmendez@superig.com.br

Por isso não gosto de haikus especiosos, em que a metáfora ou jogo de palavras ou os conceitos fiquem centro da atenção. O essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção. Isso é o que acho que o haicu tem de diferente. Creio que com isso ele pode contribuir, trazendo

algo novo para a nossa tradição.  
Se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haicu do que um erudito, Bashô queria *recuperar* seu olhar num contexto de erudição e de formalidade: quando escreveu que as rãs pulam para dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexão e de investimento simbólico – a um conjunto de atitudes. Seu hocu inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Leia este texto completo em  
**SF9810, Seleções em Folha OUT/98.**

## HAICUS BRASILEIROS



TEMAS (QUIDA



IS) DE VERÃO



Porta-bandeira  
o mestre sala. Dupla.  
Carnaval, tá.  
Agostinho José de Souza

Rumo à piracema,  
um espetáculo atraente...  
peixes debandando.  
Anita Thomaz Folmann

Com estival mansão  
na praia sonha enricada  
mulher de sertão.  
Fernando Soares

Chuva de granizo.  
Surge no céu o arco-íris.  
No chão, toda alvura.  
Humberto Del Maestro

Na casa de praia,  
estão todos bem contentes.  
Cidade distante...  
Maria App. Picanço Goulart

Com a casa às costas  
caminhando lentamente,  
deixando seu rastro  
Olga dos Santos Bussade

Nos braços compridos  
a mangueira traz as frutas  
e também a sombra.  
Alba Christina

Cuidado mosquito!  
lagartixa na parede  
parece uma folha.  
Cecy Tupinambá Ulhôa

Acará vivaz,  
piruetando no aquário.  
Não se cansa.  
Flávio Ferreira

Velho guarda-sol,  
mãe conduz filha nos braços.  
Seguem protegidas...  
João Batista Serra

Casa abandonada...  
- resistindo à solidão  
um copo-de-leite!  
Maria Madalena Ferreira

Caju madurinho,  
comido pela metade.  
Gambá satisfeito.  
Regina Célia de Andrade

Num roçar de folhas,  
sagazmente, o lava-pés  
perfura o que encontra!  
Amália Marie Gerda

Prêmio pela espera:  
borbulha na caçarola  
o bagre enopado.  
Darly O. Barros

Fruto de mangueira,  
a mais doce sobremesa.  
A manga do outono.  
Haroldo Rodrigues de Castro

A porta-bandeira,  
estrela da companhia,  
é sempre divina.  
Jorge Picanço Siqueira

Entrudo na rua –  
janota, alvo da brincadeira  
farinha na roupa.  
Maria Reginato Labruciano

Com medo do fogo,  
depois da própria picada,  
morre o escorpião.  
Renata Paccola

Campânulas vibram  
a simples brisa da tarde  
ecoam aos olhos.  
Amauri do Amaral Campos

Flor piscando à noite...  
Magia da madrugada?  
- É só um vaga-lume...  
Denise Cataldi

Por sobre a mesa,  
a jarra com antúrio.  
Suave perfume.  
Hélcio Durso

Maré cheia avança!  
Traz e leva o caramujo...  
Guri leva o encanto.  
Leonilda Hilgenberg Justus

Beleza de fruta.  
Redondas portas me espiam.  
Bichos no araquá!  
Nadyr Leme Ganzert † 2015

Sob a mangueira  
um grande fruto maduro.  
Bela Jardínópolis  
Sérgio Francisco Pichorim

Ferve o carnaval,  
dançam, máscaras diversas.  
Rei Momo sentado.  
Analice Feitoza de Lima

Faísca no campo,  
ligeiros, os vaga-lumes:  
fragmentos de luz!  
Edelce Edna de Carvalho

Reboa o trovão,  
em meio da tempestade.  
Lar feliz em calma.  
Hermoclydes Siqueira Franco

O carogo, branco.  
Mãos lambuzadas de manga,  
o guri insiste.  
Manoel Fernandez

Rei Momo na rua.  
Quatro dias de folia.  
Tanta mulher nua!  
Olga Amorim

Da minha janela  
posso ver o muro em flor.  
- Tempo de almandas.  
Walma da Costa Barros

## EROS E PISQUÊ

Salvador Nogueira, Mitologia Superinteressante: Coleção Mitologia, Livro 3 – Lendas, Editora Abril S.A., 2011.

O rei e a rainha tiveram tres belas filhas.  
Mas ninguém o reino tinha opinião diferente  
desta: enquanto as duas mais velhas eram  
humanamente bonitas, a mais jovem,  
Psiquê, parecia ter uma graça emanada da  
mais sagrada divindade. Tãmanha era a  
formosura que homens e mulheres de todas  
as partes faziam longas peregrinações  
apenas para observar seu semblante. Todos  
pareciam se encantar com ela  
instantaneamente e comunicavam aos  
quatro ventos, sem medo de errar, que  
Psiquê era mais bela que a própria Afrodite,  
a deusa da beleza.

Entre uma divindade no Olimpo e outra no  
palácio real, os populares não tiveram  
dúvidas sobre quem adorar com mais fervor.  
Com o passar do tempo, os templos  
dedicados a Afrodite começaram a sumir,  
assim como os cultos dedicados a ela. Só se  
falava na princesa e em seu encanto  
sobrenatural.

As duas irmãs mais velhas se casaram  
primeiro e com reis vizinhos, de modo que  
tinham sua linhagem e a felicidade bem  
protegidas. No entanto, isto não as impedia  
de ter certo ciúme da endeusada irmã.

Mas a inveja fraterna não se comparava à

que se observava nos ceus. Afrodite estava  
furiosa. Logo ela, a mãe de toda beleza,  
havia sido completamente esquecida,  
colocada para escanteio, em favor de uma  
reles mortal. Os deuses sempre foram  
conhecidos por ser caprichosos, e Afrodite  
não ia quebrar a escrita. Decidiu lançar uma  
cruel vingança sobre Psiquê, e para isso  
convocou a ajuda de seu filho, o deus do  
amor, Eros.

- Eros, a mamãe precisa de um favor seu.  
- Diga, mãe, o que é desta vez.  
- Ah, nada muito complicado, mas ainda  
assim, muito importante. Lá na terra apare-

ceu uma princesa uma tal de Psiquê.  
Admito que é bem bonitinha até. Mas nada  
dessas coisas também. Ocorre que o povo  
lá resolveu cultuá-la como uma deusa  
encarnada da beleza e decidiu me colocar  
completamente para escanteio. Pode uma  
coisa dessas?

- Hum, sei – grunhiu o filho, tentando  
aprentar interesse pelo que era claramente  
uma picuinha da mãe. - Mas o que posso  
fazer por você? Quer que eu dispare uma  
seta no coração de um príncipe de um reino  
distante para que ela seja levada de sua  
terra e essa besteira termine?

- Ah, meu filho, e eu sou de premiar com amor quem me trai? Na verdade, quero que homem nenhum se apaixone por ela. E a flechada que quero de ti é no coração dela, e voltada para o sujeito mais horrórico que pudermos encontrar. Quero vê-lá caidinha de amor pela mais feia das criaturas! - Afrodite concluiu a frase com um sorriso de orelha a orelha.

- Hmm, está bem - respondeu Eros. - Mas pode ser depois do almoço? Estou com uma fome danada, e Zeus está servindo uma ambrosia daquelas na casa dele hoje...

Afrodite ficou ligeiramente incomodada com o pouco-caso do filho.

-Tudo bem, posso esperar um pouco... Mas saiba que as obrigações sempre devem vir primeiro! Principalmente quando são pedidos de sua mãe.

- Sempre faço tudo o que você pede.

- Tá, tá, tá! Vai, vai almoço. E quero ver Psíquê perdidinha de amor pelo primeiro que aparecer, hein?

O plano parecia bem encaminhado, não fosse um pequeno detalhe desconsiderado por Afrodite: o efeito que Psíquê poderia ter sobre o próprio Eros. Dito e feito. Assim que o deus alado do amor colocou seus olhos na princesa, foi tomado por uma paixão incontrolável. Jamais faria com que ela se apaixonasse por um qualquer. Aliás, por ninguém. Exceto ele. E trataria também de impedir que outro homem sentisse por ela nada além de uma profunda admiração platônica.

E assim foi. Dias, meses e anos se passaram, e o rei e a rainha começaram a ficar preocupados: estaria sua filha mais bela que Afrodite inacreditavelmente ficando para titia? Cansados de esperar, decidiram ir até o oráculo de Apolo em busca de orientação. Mas Eros já havia conversado previamente com o deus, pois os humanos costumavam pedir-lhe conselhos com muita frequência, e os dois estavam mancomunados num plano.

O oráculo assim respondeu ao rei:

- Veste tua filha do luto mais pesado, leva-a ao cume de uma montanha e abandona-a lá. Ao cair da noite ela encontrará o marido que lhe foi predestinado: uma horripilante serpente alada, mais forte que os próprios deuses, que deitará com ela e torna-lá-á sua esposa.

A consternação foi geral. A família real acompanhou o luto de Psíquê, e por todos os cantos do palácio se ouvia o soluçar sôfrego daqueles que não têm esperança. Além do país, as irmãs da condenada também sofriam intensamente com a perda. Mas nenhum deles ousou desobedecer ao comando de Apolo, transmitido pelo oráculo. Assim, no dia seguinte, levaram a moça para o alto da montanha. Ao ver a choradeira geral, como se ela tivesse morrido, Psíquê mostrou sua firmeza.

- Deviam ter chorado por mim antes, pela beleza que fez de mim alvo de ciúme dos céus. Agora me deixem aqui a sós, ciente de que estou feliz por ver que o fim de tudo está próximo.

Seus parentes foram embora, e, não muito depois, o sol também se pôs, deixando uma escuridão impenetrável no alto da montanha. Psíquê esperava pelo iminente terror que teria de encarar num choro silencioso, contido, quando sentiu uma doce e suave brisa no ar. Com o poder mágico daquelas carícias vindas do nada, ela iniciou um suave flutuar pelos ares. Nada podia ver, mas sentia que estava descendo a montanha rochosa e só foi tocar novamente o chão quando o solo

pedregoso fora substituído por uma relva macia e cheirosa, emanando o mais agradável perfume floral. A calma era tamanha que suas preocupações sumiram por completo e ela adormeceu, acolhida naquele ambiente.

Quando acordou, viu um rio maravilhoso ao seu lado. À margem, uma mansão sensacional, tão bela que parecia feita sob medida para abrigar um deus. Os pilares eram de ouro, as paredes de prata e os assoalhos tinham pedras preciosas incrustadas. Apesar do silêncio absoluto que experimentava, Psíquê não resistiu a caminhar na direção daquela morada espetacular. Quando chegou à porta, começou a ouvir uma avoz emanada do vazio:

- Está casa é para ti. Entre sem medo, baneha-se e deite-se na cama, enquanto preparamos o almoço, um banquete em homenagem à sua chegada.

Psíquê fez como foi solicitado; nunca havia experimentado tamanho conforto em sua vida. O melhor banho do mundo, a melhor comida do mundo... mas passou o dia todo sozinha. Entretanto, tinha a convicção de que, com o cair da noite, seu misterioso marido haveria de se materializar. Era inevitável sentir certa apreensão por causa disso.

Com efeito, quando a noite caiu e a princesa se deitou em sua cama, percebeu que não esta sozinha. Tremeu, até ouvir a voz suave e sedutora cochichando em seu ouvido. O medo foi embora num repente, com a certeza de que não havia ali nenhum monstro terrível, mas o másculo companheiro que sempre desejara. Era estranho que só aparecesse à noite, escondido pela escuridão, mas de resto era o melhor esposo com que se poderia sonhar, e Psíquê agradeceu aos céus pela dádiva. Poderia viver seus dias feliz, e de fato cada um passava mais depressa que o anterior, num êxtase da relação conjugal perfeita.

Houve um dia, entretanto, que essa paz foi quebrada. Na cama, à noite, seu marido pela primeira vez usou palavras que não eram doces para ela:

- Escuta, fiquei sabendo que suas irmãs virão nos próximos dias até a montanha onde te abandonaram para chorar sua perda. É muito importante que você não entre em contato com elas. Não permita sequer que a vejam com vida. Caso contrário, isso só resultará em tristeza para mim. E para você, minha esposa, só restará a completa ruína.

As palavras calaram profundamente, e, após alguns minutos de silêncio, Psíquê comunicou sua decisão. Obedeceria ao marido. Mas o que se viu foi um dia de profundo pesar. A jovem só chorava, o tempo todo. às vezes compulsivamente. Quando caiu a noite, e ela mais uma vez foi ter com o marido, implorou pela revogação da decisão.

- Deixe-me apenas confortá-las, mostrar a elas que estou viva e bem! Por favor! É tudo que peço! Que mal pode haver nisso? Será apenas fonte de alegria para todos!

Contrariado, o misterioso marido acabou cedendo.

- Pois bem. Mas saiba que é por sua própria conta e risco. E digo mais: não se deixe convencer por ninguém de que você deve tentar me ver. Se tentar ter o menor vislumbre de minha aparência, deixo-te para todo o sempre.

O alívio de poder consolar as irmãs se misturou à angústia súbita trazida pelo pensamento de perder seu amado esposo.

- Não, não, de jeito nenhum Não se preocupe. Jamais seria capaz de fazer qualquer coisa que pudesse colocar nosso casamento em risco! Quanto a isso você não

tem nada a temer. E eu só tenho a agradecê-lo por permitir que eu leve um pouco de vida ao pobre coração de meus familiares.

No dia seguinte, as irmãs foram à montanha e de lá foram transportadas pela mesma brisa mágica que havia levado a jovem princesa a seu marido. Ao mesmo tempo assustadas e encantadas, chegaram à margem do rio e puderam rever a formosa Psíquê. Naturalmente ficaram radiantes, sobretudo quando a princesa contou que destino havia sido reservado para ela e as convidou para entrar e conhecer a mansão que lhe servia de morada.

Como era de esperar, os bons sentimentos das duas irmãs foram rapidamente se transformando na mais terrível inveja, quando viram que Psíquê continuava vivendo como uma deusa, comendo do melhor, bebendo do melhor, ouvindo as músicas mais agradáveis e envolta nos mais incríveis tesouros. Perguntaram naturalmente quem era o dono de tudo aquilo. Quem seria o misterioso marido da irmã?

- Apenas um jovem príncipe, que no momento não está, pois foi a uma caçada - desconversou a dona da casa.

Mas as irmãs em nada acreditaram e saíram de lá tão tomadas pela inveja que bolaram rapidamente um plano para arruinar a vida da bonita sortuda. Por ora, entretanto, solicitaram apenas o direito de visitar Psíquê outras vezes, ao que ouviram que nada poderia ser prometido, mas ela faria todo o possível para que pudesse voltar a vê-las.

As duas já tinham preparado sua sórdida estratégia, baseada nas respostas sempre vagas e contraditórias da irmã sobre seu misterioso marido. Quando Psíquê conseguiu novamente autorização para receber suas parentas, usando o argumento de que já era castigo demais não ver a pessoa que mais amava, e seria injusto ter de ficar sem ver os familiares, foi de imediato confrontada.

- Estamos muito tristes com a forma insequente com que nos recebeu da última vez. Poderia nos ter custado a vida!

- Ei, vocês ficaram loucas? O que fiz, senão recebei-las na casa que divido com meu marido?

- Pois saiba você que já sabemos quem é seu marido, e você não deve mais se valer de mentiras e desculpas. Inacreditável você esconder de nós que está casada com uma serpente medonha, tal qual o oráculo profetizara. Ele é um perigo para nós, e mais ainda para ti!

- Não digam sandices. Não sei do que estão falando! Meu marido não é uma cobra!

- Mas como você sabe, se está mais que óbvio que na verdade você nunca o viu, e ele não permite jamais que seja visto! É tão claro quanto o dia, minha querida irmã. Você está se deitando todos os dias com um monstro, e não tardará para que ele se volte contra você e a devore viva.

Um horror súbito tomou de assalto o coração de Psíquê. Seria verdade mesmo? As irmãs não deixaram muito tempo para que ela pensasse.

- Não se preocupe. Estamos aqui para protegê-la e vamos dizer exatamente o que você deve fazer. Hoje à noite, quando seu marido se deitar, deixe que durma o sono mais profundo. Quando isso acontecer, pegue esta lamparina e este fação. Acenda-a e em seguida esfaquee o corpo do ser monstruoso que estará certamente escondido sob os lençóis. Verás que é teu amado marido, mas já segura de que não poderá lhe fazer mal. Quando estiver morto, nós viremos para cá e a levaremos conosco.

Psíquê não sabia o que fazer. Seria o seu príncipe um monstro? Seria apenas um

divino amante? Sucumbiria ao medo? Deixaria a paixão falar mais alto: Passou o resto da tarde num estado de complexa confusão mental. Ao final de mitas idas e vindas, decidiu que não era capaz de dar cabo do esposo sem nem sequer vê-lo. Mas poderia pelo menos usar a lamparina e finalmente ver de quem se tratava. E teria a faca à mão, para o caso de uma emergência.

E assim, fez, Mas, quando a lamparina revelou as feições de seu amante, viu que não se tratava de nenhuma criatura horrenda, mas do mais belo e formoso dos seres. Seu coração ficou abaladíssimo pela traição que havia cometido. Pensou em enfiar a faca no próprio peito como punição, mas suas mãos trêmulas deixaram-na cair ao chão. Ao mesmo tempo, uma gota de óleo quente da lamparina escorreu e caiu sobre o ombro de seu marido. A queimadura acorudou-o de pronto. Flagrando a luz que iluminava o quarto, percebeu imediatamente que fora traído.

- Pois saiba que acabaste de afastar da sua vida Eros, o deus do amor. Disse que jamais deveria me ver. Você não confiou em mim. Tenho de ir. O amor não pode morar onde não há confiança.

E foi-se, para desespero de Psíquê, que ficou estatelada aos prantos.

Não bastasse a traição, Eros agora precisaria tratar seu ferimento no ombro. Não tinha escolha senão procurar a mamãe. Ao ouvir a história, Afrodite perguntou-lhe quem era essa tal princesa que o havia queimado.

- Hmmm... lembra-se da Psíquê?  
- Sim, aquela insignificante solteirona... Ela ainda está encalhada, não? Espero que... ei, espera aí. Psíquê? Psíquê? PSÍQUÊ?

- Pois é, mãe. A princesa que me queimou era Psíquê. - Eros não conseguia esconder o embaraço. Afrodite foi tomada por um acesso de fúria incontrolável.

Meu filho, mas como você é burro! Bem feito! Quem manda não obedecer à mãe. E onde está essa sirigaita?

- Sei lá. Deixei na casa que construí para nós na Terra.

- Mas é um inconsequente mesmo. Agora lá vou eu resolver as confusões que você apronta... - e saiu, inconformada, atrás de Psíquê, que nem desconfiava de que tinha na sogra uma inimiga tão ferrenha. Depois que Eros a abandonou, sua última esperança era justamente encontrar-se com Afrodite e resolver aquele mal-entendido. "Ela é uma deusa, mas tem alma de mulher. Ela irá entender", pensava a princesa.

O encontro das duas não poderia ter sido mais desfavorável para a mortal.

- E aí, à procura de marido, já que o seu já não te quer mais? - ironizou Afrodite.

- Não, na verdade procuro a senhora. Querira lhe dizer que...

- Nem perca seu tempo comigo, mocinha. A gente bate os olhos em você e logo vê que não é gente que preste. Evidentemente ninguém gostará de você, nunca, exceto se for pelo seu talento na execução de serviços penosos e duros. Mas veja só, hoje é seu dia de sorte. Vou ajudá-la, de forma que você fique craque nesse tipo de atividade. Está vendo aquela pilha de sementes?

Ao gesticular, Afrodite fez aparecer do nada um imenso monte de grãos de trigo, papoula, painço e outras tantas espécies. E dali prosseguiu dizendo:

- Você tem até o fim da tarde para separá-las todas conforme o tipo. E nem (conclue)

Eu quero tanto que a **primavera** entre em minha casa, invadindo portas e janelas. Que suas flores voem sem as asas, perfumando e flutuando pelos cantos com cores vivas em aquarela

Eu quero tanto que ela permaneça que não vá embora, não me esqueça, mas que permita que de repente o **verão** também venha e apareça.

E da mesma forma, entre no meu lar e o aquele com calor e sedução, enchendo de amor este sofrido coração.

Eu quero tanto que com mais calma, mais tranquilo, o **outono** também venha. Que entre pela minha porta sem cochilo.

Que não se atenha num regime sem calor.

e que traga um frioquinho acolhedor dando-me força nesta vida e mais sabor.

Eu quero tanto que o **inverno** se chegue e acarinhe o que ficou. Que entre em minha casa, que se apegue sem licença, sem pudor, apagando aquelas brasas que se acumulou sem critério,

nesta vida sem mistério e sem amor.

Eu quero, mas quero tanto que afinal, a **primavera** continue no meu lar. Para assim eu poder me encher de flores,

quando minha vida, por fim, se acabar...

Minha casa na primavera

Segunda-feira sem feira. Não compro pera, nem flor. Segunda não tendo feira, acarinho o meu amor!

Quando uma cabeça ferve com inspirações, tem poesia chegando!!!

A arte no circo! Embarque nessa alegria, num show de fantasia...